

---

## **LEIA NESTA EDIÇÃO**

1 - Momento de Reflexão; 2 - Reunião da Câmara Técnica Abelhas Nativas (SEAB): 26/04; 3 - Na Paraíba, agricultores encaram o desafio de produzir e preservar; 4 - A globalização está matando as abelhas; 5 - Um mundo sem abelhas; 6 - Ciência melhora técnicas de manejo de abelhas essenciais para a lavoura; 7 - 2011: Ano Internacional das FLORESTAS ! ; 8 - Meliponário Romagnole (Mandaguari – PR); 9 - Trajetória de Nogueira-Neto lançada na capital federal; 10 - Paulo Nogueira-Neto lança livro hoje em Brasília; 11 - Encontro dos Apicultores e Meliponicultores; 12 - Município quer incentivar criação de abelhas; 13 - Visitante ilustre em Taió

---

### **1 - Momento de Reflexão**

“ O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos ” - Eleanor Roosevelt

---

### **2 - Reunião da Câmara Técnica Abelhas Nativas (SEAB): 26/04**

Nova reunião da Câmara Técnica de Meliponicultura (Abelhas Nativas) ficou marcada para dia **26/04** (terça-feira), das 15 às 17 horas, na SEAB, continuando-se as discussões da reunião anterior (24/03), podendo-se inserir novos temas, bastando que se envie a sugestão com antecipação.

Eis a pauta: a) - propostas para o desenvolvimento da Meliponicultura (pesquisa, assistência técnica e extensão rural, melhoramento genético, sanidade, manejo, processamento e comercialização, etc); b) - organização da Câmara Técnica de Meliponicultura: regimento interno e instituições integrantes e nomes; c) - 5º Seminário (Curitiba: 25/11/2011); d) - Quem é Quem na meliponicultura do PR (meliponicultores e instituições), e) - encaminhamentos do 4º seminário (litoral 2010) ; e, d) - assuntos gerais.

---

### **3 - Na Paraíba, agricultores encaram o desafio de produzir e preservar**

No Nordeste há muitos exemplos desse tipo de esforço. Conheça uma fazenda há 30 anos trabalha respeitando plantas e animais. Produzir e ao mesmo tempo preservar é um desafio que muitos agricultores estão encarando Brasil afora. No Nordeste, também há exemplos desse tipo de esforço. Uma grande fazenda da Paraíba há 30 anos trabalha no sertão, respeitando as plantas e animais nativos. Uma pedra bonita dá nome à fazenda que fica aos pés dela: Tamanduá. São quase três mil hectares no município de Santa Terezinha. Há 30 anos, esse lugar conquistou o suíço Pierre Landoult, que adotou o sertão paraibano como um segundo lar.

Desde o princípio, doutor Pierre decidiu trabalhar em harmonia com o meio ambiente. Praticamente 2/3 da fazenda ainda estão cobertos pela caatinga. O restante é usado na produção de manga, mel e na criação de vacas leiteiras, que abastecem um laticínio instalado na propriedade. Tudo no sistema orgânico, sem usar veneno, adubo industrializado, nem medicamentos alopatícos.

“Dentro desse organismo agrícola você recicla, você procura reutilizar todos os subprodutos, se faz composto, se utiliza as abelhas para polinizar as mangueiras. É uma visão que vai exatamente no sentido da preservação e da integração de todas as atividades humanas.” Por lá, não há pastos enormes. O gado pardo suíço passa o dia em piquetes, cercados de vegetação nativa. Eles formam corredores, que interligam a reserva legal e uma RPPN, reserva particular de patrimônio natural, que doutor Pierre criou. “A ideia é fazer uma continuidade de lotes para poder levar os animais

selvagens até a reserva.”

Uma outra preocupação do doutor Pierre: conhecer bem o lugar onde decidiu viver. A fazenda já serviu de laboratório para 20 trabalhos de pesquisa de universidades da Paraíba e de Pernambuco. A mata preservada e bem estudada é hoje um local para reintrodução e soltura de animais apreendidos pelo Ibama. Nessa turma, 30 jabutis e vários pássaros como o cancanã, o conchiz e o pintassilgo ganharam a liberdade.

“Essa área serve como berçário, esta é a grande função dessas áreas protegidas. Daqui eles vão semear, os animais não param”, diz Paulo Wagner, veterinário do Ibama. Doutor Olaf Bakke, professor da Universidade Federal de Campina Grande, conduz outra pesquisa na fazenda. Ele está estudando plantas como a faveleira e a jurema preta. A faveleira tem um alto teor de proteína, em torno de 15%, mas seus ramos são cheios de espinhos. A pesquisa vem trabalhando na produção de plantas livres desse inconveniente. Doutor Olaf acredita que trabalhar com as plantas forrageiras nativas, que são adaptadas ao clima do semiárido, só traz vantagens.

A faveleira é apenas uma entre muitas riquezas que o bioma caatinga tem a oferecer. Basta que se aprenda lidar com ele. “Trabalhar no semiárido é uma coisa difícil, o grande problema é encontrar os produtos que são apropriados a esse tipo de clima, mas o que dá uma satisfação é o processo de preservação que traz alimentos melhores, traz aos animais uma vida melhor e uma satisfação imensa”, conta Pierre.

Fonte: Do Globo Rural - G1 - Rio de Janeiro/RJ - Home - 13/03/2011 -

---

#### **4 - A globalização está matando as abelhas**

Relatório da ONU afirma que colocar as abelhas em enormes colmeias artificiais para resolver o colapso das colônias só ajuda a gerar mais pestes e doenças. A globalização está matando as abelhas, assim como as doenças das abelhas estão sendo espalhadas lentamente pelo mundo graças à abertura dos mercados. E as tentativas de industrializar a polinização estão deixando o problema ainda maior, afirma um estudo da ONU.

As inexplicáveis mortes de abelhas vêm se tornando uma questão crescente ao redor do mundo nos últimos cinco anos, um fenômeno classificado como “transtorno do colapso da colônia”. Abelhas nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia estão sendo afetadas, embora seja difícil reunir dados confiáveis sobre quantas morreram.

Algumas colônias de abelhas morrem naturalmente com o tempo, principalmente no inverno, mas a escala das mortes relatada pelos criadores levou governos e cientistas a examinarem a razão da ameaça a esses insetos e, em alguns casos, tentar contornar o problema mudando a forma de criá-los. Mas as tentativas da indústria agrícola para travar a queda no número de abelhas por meio de melhorias e juntando-as em enormes colmeias só agravam o problema, pois as criações industrializadas propiciam as condições ideais para a proliferação de pragas e doenças causadas por fungos aparentemente responsáveis por muitas mortes de abelhas.

A movimentação das colmeias de fazenda a fazenda para estimular a polinização espalham ainda mais as doenças. – Nós estamos criando as condições ideais nas colmeias artificiais para promover a contaminação química. Essa é a ironia e não diz respeito somente às abelhas – também pode ser aplicada a florestas naturais versus plantações e monoculturas (que são mais suscetíveis a doenças) – afirmou um oficial da ONU.

O Programa Ambiental da ONU (Pnuma) concluiu no relatório - intitulado Global Bee Colony Disorders and Other Threats To Insect Pollinators (Transtornos Globais das Colônias de Abelhas e Outras Ameaças a Insetos Polinizadores, em tradução livre) – que “mais de uma dezena de fatores” estão por trás das mortes das abelhas. Nessa lista estão a poluição do ar, a rápida propagação de doenças e a variedade de parasitas como o varroa, assim como a perda de habitats para flores selvagens em áreas intensivamente exploradas.

Fiona Harvey - The Guardian - Por Trás das Mortes das Abelhas: - Poluição do ar- Rápida propagação de doenças causadas por fungos- Variedade de parasitas, como o varroa- Perda de habitats para flores selvagens.

Fonte: Zero Hora - Porto Alegre/RS – Edição Impressa - 14/03/2011 -

---

## **5 - Um mundo sem abelhas**

Não é só na União da Ilha que a ala dos Insetos e Aracnídeos neste ano ficou meio decaída. Ao redor do mundo, colônias de abelhas estão morrendo maciçamente desde o carnaval de 2006. Em cinco continentes o sintoma é o mesmo. Colônias com poucos indivíduos maduros, ou absolutamente sem indivíduos. A rainha permanece viva e não há abelhas mortas na colmeia.

Como será o mundo sem abelhas? O problema é bem mais sério do que não haver mais mel no mundo. Muitas plantas dependem de serem polinizadas para produzirem. Apesar de todas as transformações genéticas, fruto não existem só para a gente comer. Plantas produzem frutos para nutrir o desenvolvimento da plantinha pequena ou para serem comidas por animais que irão dispersar a semente. De toda forma, sem semente não tem fruto, e sem pólen não tem semente. Como as abelhas são grandes transportadoras de pólen, o resultado é que acabando as abelhas, irão acabar também muitos frutos. Café, abacate, maçã e cacau são alguns dos produtos que irão sofrer com a falta de abelhas. As perdas podem chegar a US\$ 212 bilhões em todo mundo.

Ao contrário do incêndio na cidade do samba, a causa do sumiço das abelhas não é conhecida. Já sabemos que há uma combinação de vírus e fungos nas abelhas encontradas mortas e que grandes apiários sofrem danos proporcionalmente maiores que os pequenos, reforçando a ideia que alguma doença esteja envolvida, mas ela não é a causa única. Para complicar ainda mais, o vírus é transmitido por um ácaro. A pesquisa tem focado em quatro áreas: parasitas, estresses ambientais e cuidados com as abelhas, como má nutrição.

Algumas possibilidades inusitadas têm sido aventadas, como a telefonia celular, espécies transgênicas e agrotóxicos (essa última nem tão inusitada assim). Neste momento não me apresso para excluir nenhuma, mas um fato curioso mostra as forças envolvidas. No site do Serviço de Pesquisa Agrícola dos Estados Unidos há um destaque para um estudo que mostra não haver relação entre o declínio das colmeias e agrotóxicos.

Achei estranho e fui ler o artigo na Plos-One de março de 2010, que encontrou “121 tipos de pesticidas nas amostras” e “98% das amostras de cera contaminadas”, “representando um nível notavelmente alto de elementos tóxicos na alimentação destes polinizadores.”. Apesar dos termos empregados pelos autores, o Serviço de Pesquisa Agrícola estampa lá: “Não foram encontrados padrões específicos entre os resíduos e a morte de abelhas”, colocando sob a vítima o custo de provar a culpa de seu algoz.

Empresas de agrotóxicos têm profundas e antigas ligações com a pesquisa governamental, em tese

feita para auxiliar todos, não uns poucos. Não é só no Brasil que essas ligações são perigosas. Preste atenção no declínio das abelhas. Você vai pagar a conta com seu bolso ou sua saúde.

Fonte: Gazeta do Povo Online - Curitiba/PR - Colunistas - 11/03/2011 -

---

## **6 - Ciência melhora técnicas de manejo de abelhas essenciais para a lavoura**

O que é a pesquisa - No Brasil são conhecidas mais de 400 espécies de abelhas nativas, as Meliponinae, que se caracterizam por não terem ferrão e serem abelhas sociais. Criadas comercialmente em agrupamentos de colônias denominados meliponários, essas abelhas são essenciais para a agricultura da Amazônia, ao polinizar as plantas, que assim se reproduzem.

A meliponicultura é uma atividade econômica crescente em todo o Brasil e a região de Manaus se destaca pela grande variedade de abelhas nativas e pelas reservas de matas que permitem sua criação, devido à disponibilidade de flores em, pelo menos, 10 meses por ano. Os pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o INPA, realizam estudos de melhoramento de manejo que viabilizam novas técnicas e maior produção de colônias, aumentando a produtividade dos meliponários e garantindo a variabilidade vegetal das espécies cultivadas pelo homem e as existentes nas florestas.

Os apicultores (criadores de *Apis mellifera*) esperam mais de 2000 anos para terem uma colméia adequada. Esta foi inventada por Langstroth em 1852. Só por isso tiveram o enorme desenvolvimento da apicultura. Os meliponicultores brasileiros levaram 50 anos para chegar a uma colméia adequada e agora podem ter uma meliponicultura com grande número de colméias.

Por que fazer esta pesquisa - O sucesso reprodutivo de muitas plantas (o qual inclusive garante a variabilidade genética) depende, em grande parte, de insetos polinizadores, como as abelhas. Na verdade as abelhas nativas são parte integrante do mecanismo de reprodução vegetal, aumentando a produtividade de plantas cultivadas e a fertilidade dos vegetais que dependem da polinização por insetos para se reproduzirem. A extinção de uma ou muitas espécies de abelhas implica na extinção de espécies vegetais e de animais que delas dependam e promovem desequilíbrio no ecossistema, causando sérios prejuízos à nossa qualidade de vida.

Trabalhos científicos anteriores provaram que as abelhas são essenciais para a manutenção da diversidade vegetal nos trópicos. É portanto fundamental, para a manutenção da flora nativa e, indiretamente, da fauna que dela se alimenta, que as espécies de abelhas sociais brasileiras não sejam destruídas. Entretanto, nas reservas florestais o número de ninhos de abelhas sociais vem caindo pois continuam a ser explorados e muitas espécies estão em extinção por problemas nos processos de acasalamento. No Estado de São Paulo muitas Piptademias (angicos e jacarés) estão diminuindo por falta das mandaçaias (*Melipona quadrifasciata*).

A importância de reversão desse quadro vem do fato que conservar as abelhas significa também manter a variabilidade genética das plantas cultivadas pelo homem para produção de alimentos. Noventa por cento dos vegetais nativos são polinizados por abelhas sem ferrão, sem as quais essas plantas não têm como gerar sementes férteis.

Como o estudo é feito - Depois de escolher um local para abrigo das colméias no meliponário central do INPA, trinta colônias de cada espécie estudada (*Melipona compressipes*, *Melipona rufiventris* e *Melipona seminigra*) são acondicionadas e monitoradas para avaliação do peso e quantidade de mel e pólen produzida. O mel é colhido por bomba sugadora e quantificado, assim

como o pólen.

Ao final do primeiro ano de estudo são feitas análises estatísticas e determina-se qual espécie foi mais produtiva nas condições adotadas neste trabalho. Interessante dizer que os Timbira do Maranhão tinham Meliponários com mais de 1000 colônias de tiuba (*Melipona compressipes*) e, na reprodução delas apenas dividiam as mais produtivas. Enquanto tinham grandes florestas e manguezais essas colônias produziam em média 18 kilos a mais, enquanto as da Amazônia Central que não sofrem seleção produzem cerca de 6 kilos por ano. As colônias mais produtivas são então selecionadas, são multiplicadas e geram novas colônias que fornecerão material para melhoramento genético para produzir mais mel e pólen.

Posteriormente, as melhores rainhas são incluídas em trabalhos com os meliponicultores da região de Manaus, Manacapuru, Santarém, Itacoatiara e arredores, para aumento da produtividade mediante o melhoramento genético das colônias mais produtivas. Após avaliação de resultados, desenham-se novas estratégias de melhoramento genético dos meliponários da região. Alguns deles, ditos satélites, são integrados ao meliponário central do INPA.

Para os interessados em receber uma pequena publicação mostrando a colméia usada (baseada em Nogueira Neto, Portugal Araújo e Fernando Oliveira, basta remeter um envelope de 23cm x 12cm, com endereço do destinatário, ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Av. André Araújo 2936 Petrópolis CEP 69083-000. Caixa Postal 478. Informações pelo fone:(092)643.3281 ou fax: (092)642.3440

Texto de divulgação científica publicado em 11 de dezembro de 2002. Pesquisador(es) Responsável(eis): Warwick Kerr e Gislene Carvalho; Título do trabalho acadêmico Biologia comparada e produtividade das abelhas *Melipona compressipes*, *Melipona rufiventris* e *Melipona seminigra*; Instituição(ões): Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia -INPA

---

## **7 - 2011: Ano Internacional das FLORESTAS !**

Veja o artigo da UNESCO:

[http://www.peaunesco.com.br/ANO2011/posicao\\_brasilAIF.pdf](http://www.peaunesco.com.br/ANO2011/posicao_brasilAIF.pdf)

---

## **8 -Meliponário Romagnole (Mandaguari - PR)**

<http://www.bonsaicenter.com.br/abelha/principal.php> - Por email: Vicente Romagnole – [vicente@romagnole.com.br](mailto:vicente@romagnole.com.br). Por Telefone: (44)3233-1417 ou (044)3233-8010. Por Fax: (44)3233-1692. Por carta: . Rocha Pombo, 335 - Centro - Mandaguari - 86975-000 - PR

Sobre o site:

Vicente Romagnole é um criador conservacionista dentro da meliponicultura. A meliponicultura é a criação de abelhas indígenas sem ferrão. É também uma atividade de baixo impacto ambiental, que produz um alimento de elevado nível nutricional, o mel. Uma caixa de criação racional pode produzir quase o dobro da criação no toco. Grande parte dos vegetais presentes no Brasil dependem exclusivamente da polinização realizada por estas espécies de abelhas sem ferrão para sobreviver.

1. As abelhas sem ferrão são os principais agentes polinizadores de várias plantas nativas. Preservar essas abelhas contribui, portanto, para conservar os mais diversos tipos de vegetação.

2. Há muitos agricultores utilizando as abelhas sem ferrão na polinização de culturas agrícolas tais como urucum, chuchu, camu-camu, carambola, coco-da-bahia e manga. Essa prática, amplamente usada com as abelhas do gênero *Apis* (conhecidas como abelhas africanizadas ou abelhas africanas) e *Bombus* (as mamangavas, também chamadas de mamangaba, mangangá, mangava, etc.), vem sendo utilizada até mesmo para cultivar morangos dentro de estufas.

3. O mel produzido pelas abelhas sem ferrão contém os nutrientes básicos necessários à saúde, como açúcares, proteínas, vitaminas e gordura. Esse mel possui, também, uma elevada atividade antibacteriana e é tradicionalmente usado contra doenças pulmonares, resfriado, gripe, fraqueza e infecções de olhos em várias regiões do País.

4. Além de fonte de alimento e remédio, o mel produzido pelas abelhas sem ferrão representa, em algumas regiões, uma importante fonte de renda. Na Região Nordeste, onde a meliponicultura é mais praticada, são encontrados produtores (ou meliponicultores) com até 1.500 ninhos de abelhas, e que sobrevivem, basicamente, do comércio do mel. Alguns meliponicultores conseguem coletar de 5 a 8 litros de mel/colônia/ano, o que, segundo os especialistas na área, está muito abaixo do potencial de produção das abelhas sem ferrão. O preço, porém, é compensador. Um litro de mel de abelha sem ferrão é vendido por R\$ 40,00 no Nordeste, podendo alcançar até R\$ 100,00 na Região Sudeste do País. Como os custos para a criação são baixos, a meliponicultura permite a produção de um alimento barato, com um forte apelo comercial.

5. São, de um modo geral, abelhas bastante dóceis e de fácil manejo. Por isso, dispensam o uso de roupas e equipamentos de proteção tais como macacão, luvas, máscaras e fumegadores, reduzindo os custos de sua criação e permitindo que essas abelhas sejam mantidas perto de residências e/ou de criações de animais domésticos. Além disso, por não exigir força física e/ou prolongada dedicação ao seu manejo, a criação de abelhas sem ferrão pode ser facilmente executada por jovens e idosos.

Estima-se que, só no Brasil, existam mais de 200 espécies de abelhas sem ferrão. As mais promissoras em termos de produção de mel são as espécies do gênero *Melipona*, conhecidas popularmente como mandaçaia (nome científico, *Melipona quadrifasciata*), jandaíra nordestina (*Melipona subnitida*), urucu-cinza ou urucu-cinzenta (*Melipona fasciculata*), urucu-amarela (*Melipona rufiventris*), urucu-do-nordeste (*Melipona scutellaris*), entre outra.

---

## **9 - Trajetória de Nogueira-Neto lançada na capital federal**

Dr. Paulo Nogueira-Neto preenche o abaixo-assinado pela área protegida em Bertioga-SP. - © WWF-Brasil - Dr. Paulo Nogueira-Neto, um dos mais importantes ambientalistas do país e presidente emérito do WWF-Brasil

Lançado de início em novembro passado, em São Paulo, o livro “Uma Trajetória Ambientalista: Diário de Paulo Nogueira-Neto” foi apresentado nessa quarta (30) aos brasilienses, em evento no restaurante Dom Francisco, no shopping Pátio Brasil. A obra reúne os fatos e feitos mais significativos dos 45 anos de trajetória do patrono do ambientalismo brasileiro, Presidente Emérito do Conselho Diretor do WWF-Brasil há cinco anos, e conselheiro da mesma instituição há mais de 14 anos. Em forma de diário, a publicação traz anotações registradas ao longo de décadas, revelando acontecimentos e identificando personagens decisivos para o progresso social e econômico em equilíbrio com a conservação da natureza, um desafio ainda presente.

Na opinião da secretária-geral do WWF-Brasil, Denise Hamú, o livro é pura homenagem e reconhecimento a Paulo Nogueira Neto, por seu trabalho histórico e destaque como personalidade

com visão abrangente da conservação ambiental. “Seja à frente de órgãos governamentais, na sala de aula ou palestrando, ele sempre honrou seu compromisso inabalável com a natureza brasileira e com suas populações, avançado na construção e implantação de políticas ambientais. Seu trabalho é um exemplo para todos nós,” afirmou.

Nascido em abril de 1922, em São Paulo, Paulo Nogueira Neto faz da sua vida um histórico de lutas, pela sociedade e pela preservação ambiental. Ainda estudante, atuou contra a Ditadura, e, durante a 2ª Guerra Mundial, prestou o serviço militar como soldado voluntário de cavalaria. Após tornar-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, concluiu curso de História Natural na Universidade de São Paulo (USP), em 1959. A partir de então, ganhava força uma trajetória ímpar no ambientalismo nacional, focada em pesquisas, no ensino e na militância pela restauração e conservação de áreas naturais.

Nogueira Neto foi um dos fundadores do Departamento de Ecologia Geral, no Instituto de Biociências da USP e presidente de uma entidade conservacionista hoje conhecida como Associação de Defesa do Meio Ambiente de São Paulo. Também foi responsável pela organização e direção da Secretaria Especial de Meio Ambiente, do Ministério do Interior e depois no Ministério do Meio Ambiente e Habitação, entre os anos de 1973 e 1985. Foi a semente do que hoje é o Ministério do Meio Ambiente.

À frente daquele órgão federal, criou e estabeleceu 3,2 milhões de hectares de áreas protegidas, em 26 estações e reservas ecológicas, bem como mobilizou e assessorou parlamentares para a aprovação de grande parte no arcabouço legislativo ambiental brasileiro. Em seguida, atuou por dois anos como secretário de Meio Ambiente do Distrito Federal, onde ajudou a implantar a Área de Proteção Ambiental de Cafuringa.

Entre 1983 e 1986, atuou junto à comissão Brundtland das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento, grupo onde pela primeira vez se usou a expressão "desenvolvimento sustentável". Membro da Academia Paulista de Letras, publicou vários livros, sobre abelhas indígenas, criação de animais nativos vertebrados, comportamento animal e viagens. É professor titular (aposentado) de Ecologia Geral do Instituto de Biociências da USP, membro do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), membro do Board do World Resources Institute, entre tantos outros.

“Construir o presente enxergando o futuro tem sido a tônica dominante da vida de Paulo Nogueira Neto, nas mais diferentes esferas. Foi assim nas salas de aula, forjando novos ambientalistas, nos gabinetes, na formulação de políticas públicas, criando áreas protegidas e instituições, como o WWF-Brasil. Quê mais dizer a não ser um viva a Paulo Nogueira e seu legado”, ressaltou Carlos Alberto de Mattos Scaramuzza, superintendente de Programas de Conservação Temáticos do WWF-Brasil.

Fonte: WWF - Brasília/DF - Questões Ambientais - 31/03/2011 -

---

## **10 - Paulo Nogueira-Neto lança livro hoje em Brasília**

Um diário que conta toda a trajetória do ambientalista na luta em defesa da biodiversidade. Terra da Gente, com info MMA. Hoje, a partir das 19 horas, o livro Uma Trajetória Ambientalista - Diário de Paulo Nogueira-Neto, será lançado no restaurante Dom Francisco, no Piso Lazer do shopping Pátio Brasil, em Brasília (DF). Detalhe importante: parte da verba arrecadada durante o lançamento será revertida à entidade Ação Social e Ambiental São Quirino de Xapuri (no Acre). A publicação,

escrita pelo advogado, naturalista e professor universitário Paulo Nogueira-Neto, foca os anos de 1974 a 1986, período em que ele esteve à frente da Secretaria do Meio Ambiente. Em quase 13 anos, passou por três governos distintos: de Ernesto Geisel a José Sarney.

Ele disse em entrevista recente à revista Terra da Gente: “Os militares não entendiam de meio ambiente e viam minha atuação técnica, estritamente técnica”, lembra, sem ter, portanto, embates com a ditadura do período. Nascido em São Paulo em 1922, Paulo Nogueira-Neto foi o primeiro ministro do Meio Ambiente do Brasil, além de ser membro do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) e da Academia Paulista de Letras, tendo publicado as diversas obras.

Mas há que se dizer: em sua gestão ambiental foram criadas 26 reservas e estações ecológicas, e 12 áreas de proteção ambiental na Amazônia. Entre outras realizações, também tratou da Lei da Política Nacional de Meio Ambiente, que passou a vigorar em 1981. Atualmente Paulo Nogueira-Neto é também presidente do Conselho de Orientação do Parque Tizo, localizado na confluência da Rodovia Raposo Tavares com o Rodoanel, em São Paulo.

Fonte: <http://eptv.globo.com/terradagente/NOT,0,0,342074,Diario+de+um+ambientalista.aspx> - 29/03/2011

---

## 11 - Encontro dos Apicultores e Meliponicultores

Dia 06 de abril de 2011 - Horário: 20h00 - Salão Nobre do Parque da Água Branca - Av. Francisco Matarazzo, 455, Bairro da Água Branca - São Paulo – SP.

Tema: Meliponicultura na Austrália: abelhas, caixas e problemas - um ponto de vista pessoal. No dia 06 de abril de 2011, às 20h00, no Salão Nobre do Parque da Água Branca, São Paulo - SP, teremos a satisfação de assistir a uma Palestra que será proferida pelo Meliponicultor australiano ROBERT LUTTREL que já está em visita ao Brasil, em especial, aos meliponicultores brasileiros e, aproveitando a sua passagem pela cidade de São Paulo fará a Palestra acima referida na APACAME.

O Sr. Robert Luttrell é formado em Ciências Agrícolas pela Universidade de Queensland - Austrália e desde os 10 anos de idade vem se dedicando a criação de abelhas sem ferrão. Agora, aposentado, a meliponicultura tornou-se uma paixão. As principais espécies que cria são *Trigona carbonaria*, mas tem tido um número crescente de *Trigona hockingsi*. Possui também a *Austroplebeia australis*. Robert tem interesse em proteger as abelhas na paisagem urbana para o futuro, produzir mel e para promover o potencial das espécies para a polinização. Será uma verdadeira aula e a sua presença é de vital importância para o sucesso da nossa reunião. A Diretoria.

Fonte: 1/4/11 - [conzara@terra.com.br](mailto:conzara@terra.com.br) <[conzara@terra.com.br](mailto:conzara@terra.com.br)> - [conzara@terra.com.br](mailto:conzara@terra.com.br) - [apacameplenario@yahoogrupos.com.br](mailto:apacameplenario@yahoogrupos.com.br)

---

## 12 - Município quer incentivar criação de abelhas

Produção de mel pode ser uma alternativa para iniciar um bom negócio em Franca. A criação de abelhas começou como um hobby para o protético Douglas Rilu e atualmente, é atividade complementar na renda familiar. Tudo isso porque Rilu apostou no mercado de produção de mel, com o apoio do programa Pró-Mel, de incentivo à Apicultura e Meliponicultura – criação de abelhas com e sem ferrão, respectivamente – da Prefeitura de Franca. Rilu não tinha qualificação técnica, nem espaço adequado para a criação de abelhas. “Na verdade nunca tinha me passado pela cabeça

entrar para este ramo. Foi quando assisti a uma reportagem sobre o curso de Apicultura que seria realizado pela Prefeitura. Fiquei muito interessado pela atividade e resolvi fazer o curso”.

O criador aproveitou todas as oportunidades oferecidas pela Secretaria de Desenvolvimento, responsável pelas ações do programa, como cursos, palestras, seminários e orientação técnica gratuita. “Com o conhecimento técnico adquirido, tudo ficou mais fácil”, lembra. Adquiriu as colmeias necessárias, capturou enxames e levou tudo para o sítio de seu pai, que fica em Itirapuã. O mel retirado das colmeias precisa passar pelo processo de centrifugação e decantação, como Rilu não possui as máquinas necessárias, leva tudo para a Sala de Mel, do Parque de Exposições Fernando Costa, que fica à disposição dos produtores.

Proprietário de 20 colmeias, Rilu tem uma produção anual de 80 quilos de mel por ano, destinado a comercialização em Franca, além da produção de própolis para o consumo familiar. Com a ajuda do Corpo de Bombeiros, o produtor capturou mais enxames e pretende expandir os negócios. A intenção é produzir 300 quilos de mel ainda este ano.

O técnico em agropecuária e biólogo, Célio Pereira Rodrigues, disse que a Prefeitura vem trabalhando no sentido de profissionalizar os criadores e incentivar a criação de novos apiários e meliponários. O preço do mel produzido por abelhas europeias e africanas (com ferrão) é de aproximadamente R\$ 15 o quilo, já o de abelhas nativas (sem ferrão) pode chegar a R\$ 80 o quilo. Essa variação se deve ao fato de que a produção das abelhas com ferrão é mais comum no país, já a sem ferrão ainda está no início, tendo por tanto uma produção pequena no Brasil.

Segundo o secretário de Desenvolvimento, Alexandre Ferreira, esse segmento vem crescendo nos últimos anos, pois a legislação ambiental permite a realização da atividade em Áreas de Preservação Permanente e Reserva Legal – áreas de preservação ambiental em propriedades rurais. Foi aproveitando essa área de reserva que o funcionário público, João Donizete de Castro, resolveu montar dois apiários em Franca, um no sítio do irmão e outro do sogro. Atualmente, mantém nove colmeias e conta também com o apoio da Prefeitura para a produção de mel. “Essa é a única atividade que se pode realizar nessas áreas. Então essa é uma alternativa rentável para a utilização desse espaço, além disso, não agride o meio ambiente”.

Outro fator que tem colaborado para o crescimento do setor é a introdução da meliponicultura. “A apicultura tem de ser feita, exclusivamente, na área rural, porque as abelhas com ferrão podem causar riscos à população. Já a meliponicultura pode ser implantada na área urbana. Quem tem chácara, por exemplo, pode ter uma criação de abelhas sem ferrão”, explica Rodrigues. Um dos representantes desse segmento em Franca é Marco Rogério Pignatari, diretor do Meliponário AbelhaBrasil, localizado no Parque Universitário.

Marco não comercializa mel, trabalha na multiplicação de colônias, outro ramo também em expansão. Ele possui atualmente 350 colmeias e 15 espécies diferentes em sua propriedade e com elas, monta novas colônias que são revendidas para produtores de mel da região. O valor de uma colmeia pode variar de R\$ 100 a R\$ 500, dependendo da espécie e do tamanho. Os criadores de abelhas ainda podem apostar na venda de pólen. Segundo Rodrigues, a extração ainda é muito pequena, mas existe um mercado promissor. Em cada colmeia, o criador consegue extrair aproximadamente 100 gramas, por dia, de pólen e o quilo desse produto pode chegar a R\$ 80. Se um criador tiver 50 colmeias pode ter um faturamento mensal de até R\$ 3 mil por mês.

Como fazer - Os interessados podem procurar pela Secretaria de Desenvolvimento, situada no Parque Fernando Costa, que fica na avenida Flávio Rocha, 500. Informações também pelo telefone

3724-7080.

Fonte: Diário da Franca - Franca/SP - Local - 25/03/2011

---

### **13 - Visitante ilustre em Taió**

No dia 17 de março de 2011 recebi em meu meliponário a visita de uma personalidade ilustre, o pesquisador de abelhas sem ferrão da Austrália. o Sr. Robert B Luttrell conhecido no meio melipônico como the Beeman. O mesmo veio ao Brasil para conhecer as nossas abelhas indígenas sem ferrão que são bem diferentes das australianas que segundo ele são na maioria de cor preta e também de tamanho menor e não tão bonitas como as nossas abelhas do gênero melípona.

O mesmo ficou encantado com as nossas abelhas do gênero melípona pelo belo colorido e pelo tamanho dos potes de mel que produzem segundo Robert as abelhas australianas não constroem potes de mel deste porte. Na verdade a grande preocupação existente nos dias atuais não é com a produção do mel e sim com a preservação destes insetos polinizadores, hoje a própria ONU está preocupada com o sumiço de abelhas pelo mundo, Albert Einstein já sentenciou que se as abelhas desaparecerem, a humanidade terá o mesmo fim, pois sem polinização não á plantas e sem plantas não á alimentos.

Nós brasileiros somos depositários de uma biodiversidade magnífica, cabe a nós preserva-la para as futuras gerações. As nossas abelhas indígenas já estavam aqui antes mesmo de Cabral por os pés neste continente, podemos afirmar que fizeram parte de todo processo evolutivo das Américas durante milhões de anos.

Temos uma grande variedade de abelhas desde as menores as maiores onde cada tipo de abelha tem o tamanho certo para cada tipo e tamanho de flor, não ficando nem uma planta sem o seu polinizador. Imaginem o que representa a perda de todos estes insetos polinizadores para a economia mundial, todos os seres vivos dependem de algum tipo de planta para sobreviverem.

O que vemos hoje é o total descaso com a natureza mesmo diante dos sinais de revolta que a própria natureza está dando como aviso a humanidade, parece que a ficha de muitos ainda não caiu, e pelo que parece não cairá tão cedo. Porém através de atitudes como a do nosso amigo Robert que atravessou o oceano e veio parar em outro continente sem dominar sequer o idioma deste país, veio em busca de conhecimento em defesa da vida deste planeta, são atitudes como estas que nos levam a crer que o mundo ainda pode ser um bom lugar para se viver, pois ainda temos pessoas que se preocupam com a preservação da vida.

Um homem por onde passa deixa suas marcas e impressões e Robert deixou as melhores ao passar por aqui, demonstrou ser um grande ser humano simples e com uma grande admiração e respeito por todos os seres. Ao encerrar a sua visita ajudou a plantar uma muda de sarandi vermelho que um dia dará flores que alimentarão as abelhas que um dia veio conhecer em solo brasileiro. Egon Roepke - Meliponicultor e pesquisador de abelhas indígenas do Brasil em Taió SC.

Fonte: O Barriga Verde - Taio/SC - Home - 03/04/2011 -

---

**DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL**  
**Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - andrades@pr.gov.br -**  
**fone: 0xx41-3313.4132 - www.seab.pr.gov.br**